

Alguns mostravam-se assíduos, como os condiscípulos de Clifford em Cambridge. Entre esses, Tommy Dukes que ficara no exército e já estava brigadeiro.

— O Exército deixa-me tempo para pensar — dizia — e me poupa esforços na luta pela vida.

Havia também Charles May, um irlandês, autor de trabalhos científicos sobre as estrelas. E Hammond, também escritor. Quase todos da mesma idade de Clifford. Eram os jovens intelectuais do dia. Acreditavam na vida interior. Fora daí, coisa alguma tinha importância para eles; mero assunto pessoal. Ninguém pensa em interpelar-vos sobre a hora em que ides ao mictório: é assunto que a vós pode interessar — assim pensavam.

E o mesmo com a maior parte dos atos da vida... o dinheiro que se ganha, o amor que se tenha pela esposa, as "aventuras" que se possam ter. Tudo isso, bem como a ida ao mictório, só tem importância para o interessado.

— Tudo o que se possa dizer do problema sexual — argumentava Hammond — rapaz alto e magro, com mulher, dois filhos e uma "datilógrafa", é que não há nada a dizer. Não há aí nenhum problema. Já não temos desejo nenhum de seguir um homem ao W. C.; por que haveríamos de querer segui-lo ao leito onde se deite com sua mulher? Aqui está o problema. Se não nos ocupássemos mais do leito do que do W. C., não haveria problema nenhum. Tudo isso não tem significação; apenas matéria de curiosidade malsã.

— Certo, Hammond! Mas se alguém se metesse a fazer a corte a Júlia, você começaria a ferver; e se a coisa fosse por diante, estouraria.

Júlia era a mulher de Hammond.

— Está claro. Do mesmo modo que estouraria se alguém começasse a urinar num canto do meu salão. Cada coisa em seu lugar.

— Quer dizer que lhe seria indiferente que alguém fizesse amor com Júlia numa alcova secreta?

Charles May falava com ironia; tinha flertado com Júlia e Hammond se agastara.

— Não, não me seria indiferente. Sexo é algo privado entre mim e Júlia, e muito naturalmente não acharia razoável que uma pessoa se pusesse de permeio.

— Para ser franco, Hammond — disse o sargento Tommy Dukes — acho que você tem o instinto da propriedade muito desenvolvido, e um forte desejo de impor-se, e uma grande necessidade de sucesso. Desde que fiquei definitivamente no Exército, afastei-me um pouco do mundo e agora vejo como ardentemente os homens procuram impor-se e vencer. E, naturalmente, homens como você imaginam que vencerão melhor com o auxílio duma mulher. Daí a sexualidade... um dinamozinho vital entre você e Júlia, que deve trazer a vitória. Se não obtiver a vitória, você começará a flertar, como o Charles, que nunca foi um vitorioso. Os casados trazem etiquetas como as malas. A etiqueta de Júlia diz: "Sra. Arnold B. Hammond", exatamente como uma canastra que pertença a alguém. E sua etiqueta diz: "Arnold B. Hammond, aos cuidados da Sra. Arnold B. Hammond". Oh, você tem carradas de razão! A "vida interior" necessita de casa confortável e boa cozinha. Tem razão de sobra, sim, e até precisa de posteridade. Mas tudo se prende ao instinto do êxito — o pivô de todas as coisas.

Hammond pareceu um tanto chocado. Gabava-se de honestidade de espírito e de não impressionar-se pelo gosto corrente. Não obstante, ansiava pelo êxito.

— É verdade que é impossível viver sem dinheiro — disse May. — Sem dinheiro não podemos nem sequer pensar — pois o estômago reclama. Mas parece-me que em amor é possível evitar as etiquetas. Já que podemos falar com quem queremos, por que não poderíamos fazer amor à mulher que nos agrada?

— Assim fala o Celta libidinoso! — exclamou Clifford.

— Libidinoso!... Por quê? Não vejo em que faça mais mal a uma mulher deitando-se com ela do que com ela dançando, ou lhe falando da chuva ou do bom tempo. Simples troca de sensações, em vez de troca de idéias. Por que não?

— A promiscuidade dos coelhos! — replicou Hammond.

— Por que não? Que há de condenável nisso? Serão piores os coelhos que uma humanidade neurótica, revolucionária, roída de perpétua raiva?

— Mas não somos coelhos — objetou Hammond.